

Revista Tópicos Educacionais

ISSN: 2448-0215

Centro de Educação - CE - Universidade Federal de
Pernambuco - UFPE

Donatti, Silvério Guazzelli

Considerações sobre Saussure e o estruturalismo no Brasil

Revista Tópicos Educacionais, vol. 28, núm. 2, 2022, pp. 228-243

Centro de Educação - CE - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

DOI: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672774364011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Considerações sobre Saussure e o estruturalismo no Brasil Consideraciones sobre Saussure y el estructuralismo en Brasil

228

Silvério Guazzelli Donatti¹

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil

Resumo: No presente artigo, proponho abordar leituras de Saussure trazidas por autores brasileiros que exploram aspectos da teoria saussureana que foram apagados na sua vulgata, ou que não se destacam desde uma leitura tradicional. Parto da apresentação de fatos que colocam em questão a redação estruturalista dos editores da teoria saussureana presente no *Curso de linguística geral* (CLG), para em seguida apresentar algumas abordagens críticas que assumem pontos de vista questionadores de aspectos da vulgata, contribuições que se inserem em uma chave de leitura, em certa medida, desestruturalizante. Assim, viso colaborar com os estudos que buscam avançar o que se entende como teoria saussureana.

Palavras-Chave: estruturalismo; Saussure; teoria saussureana

Resumen: En este artículo, me propongo abordar lecturas de Saussure traídas por autores brasileños que exploran aspectos de la teoría de Saussure que fueron borrados en su vulgata, o que no se destacan en una lectura tradicional. Parto de la presentación de hechos que cuestionan la escritura estructuralista de los editores de la teoría saussureana presente en el *Curso de lingüística general* (CLG), para luego presentar algunos enfoques críticos que asumen puntos de vista cuestionadores de aspectos de la vulgata, aportes que se insertan en una clave de lectura, en cierta medida, desestructurante. Así, pretendo colaborar con estudios que busquen avanzar en lo que se entiende como teoría saussureana.

Palabras-clave: estruturalismo; Saussure; teoría saussureana

1. Introdução

Em razão, talvez, das inúmeras possibilidades de desenvolvimentos de uma ciência linguística a partir das teses de Ferdinand de Saussure, mas também, em grande parte devido à iniciativa de dois de seus *discípulos* de publicar, em 1916, sob seu nome, um livro compilado maioritariamente a partir de notas de aulas do *Cours de linguistique générale* ministradas pelo mestre genebrino e anotadas por

¹ Bacharel em linguística pela UFSCar, mestre em linguística e doutorando em linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). Integrante do Laboratório LEETRA (CNPq) – Linguagens em tradução; Email: silveriodonatti@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4790-4440>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 228-243, 2022. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde de que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

seus alunos, Saussure ainda é, atualmente, uma referência que transborda os limites da Linguística, já mais de um século decorrido desde a sua morte em 1913. Com a publicação póstuma do CLG por Charles Bally e Albert Sechehaye, o estruturalismo notavelmente divulgou o linguista Ferdinand de Saussure através da constituição, no início do séc. XX, de uma *Linguística moderna*, e teve parte considerável na inscrição do nome do linguista genebrino nos atuais estudos da linguagem, de modo que, o ponto de vista da leitura estruturalista tornou-se, à primeira vista, correlativo daquilo que seja considerado saussureano. O que todavia não implica, antes requer uma objeção, que tal estruturalismo seja atribuído a Saussure.

Embora seja lembrado mesmo como o autor do CLG, Saussure dedicou-se enquanto linguista a inúmeros aspectos dos estudos da linguagem e possui uma extensa produção teórica escrita, muito da qual ainda inédita em termos de publicação. Todavia, a enorme repercussão da leitura estruturalista, ou seja, a predominância da vulgata saussureana, muitas vezes eclipsa tais aspectos, tomando-os como secundários ou mesmo desconsiderando-os. Conforme lê-se nos *Escrítos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004), doravante ELG, no prefácio de autoria dos organizadores Simon Bouquet e Rudolf Engler, considera-se que a reflexão saussureana que pode ser chamada de *linguística geral* remete a três classes de textos, a saber:

- 1) os escritos de Ferdinand de Saussure, os textos completos e os manuscritos tanto publicados em vida quanto após: artigos, conferências, fragmentos, cartas etc., na íntegra ou não; publicados e inéditos;
- 2) as notas de seus alunos do *Cours de linguistique générale*, publicadas posteriormente ao lançamento do CLG, ou seja, as anotações conforme registradas pelos *ouvintes* que efetivamente frequentaram uma ou duas das três séries de aulas ministradas em Genebra; visto que nenhum dos alunos esteve matriculado em todos os três cursos relativos à linguística geral que foram ministrados por Saussure à Universidade de Genebra entre 1907 e 1911;
- 3) o CLG, o livro escrito, após a morte de Saussure, por Charles Bally e Albert Sechehaye.

Os dois editores do CLG, embora tenham frequentado classes do mestre genebrino em outros momentos, não estiveram presentes em nenhuma das aulas dos três cursos ministrados por Saussure, mas editaram e publicaram – dos materiais a que tiveram acesso, com base, principalmente, nas notas



de alguns ouvintes dos cursos – o que veio a se tornar a vulgata saussureana. Que foi ricamente adornada pela interpretação dos dois editores, pois eram também eles autores e teóricos.

Note-se que as classes de textos apresentadas no ELG subentendem uma hierarquia, conforme ocorrem – como veremos logo adiante com Salum – as *duas deformações do pensamento de Saussure*, uma depois outra *re-produção*; ou seja, conforme o texto vai se afastando da produção complexa original de Saussure pela *transcrição* dos ouvintes e pela *interpretação* dos editores.

Segundo lê-se no prefácio do ELG de Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2004), Saussure descrevia a abordagem de seu ensinamento como *uma filosofia da linguística*. Há, segundo os organizadores destes *Escritos* – e isto não se confunde com o que os mesmos consideram as três classes de textos – há, distribuídos desigualmente entre as classes de textos anteriormente citadas, três campos do saber no conjunto das reflexões saussureanas em torno de *linguística geral*, que em resumo são:

- 1) uma epistemologia, inscrita, de maneira *crítica*, na *gramática comparada*, incluindo o que então se chamava de *fonética histórica*;
- 2) uma *filosofia da linguagem*, através de uma perspectiva analítica da linguagem;
- 3) uma *epistemologia programática*, por uma reflexão prospectiva sobre a disciplina linguística.

Aspectos estes, que podem ser perfeitamente verificados mesmo no próprio CLG, caso se afaste alguns vícios que a ciência da estrutura impôs à ciência sistêmica saussureana. É notório o fato de que, os editores promoveram subtrações no CLG e até mesmo alguns acréscimos, e ainda, como apontou o linguista italiano Tullio De Mauro (SAUSSURE, 2005), fizeram alterações significativas na reprodução ordenada das partes apresentadas por Saussure nos cursos, ou seja, na forma, e com isso, no sentido dos cursos ministrados pelo mestre. De Mauro relembra ainda que, a forma, como justamente sublinhava Saussure, é essencial na teoria das línguas, talvez mais do que em qualquer outra teoria.

Assim, a despeito do sucesso do estruturalismo da redação do CLG, como influência nas ciências humanas de maneira generalizada, e particularmente nos estudos linguísticos, esta obra não representa fielmente o *Cours* e nem, de fato, contempla fielmente as questões saussureanas. E muitas vezes dificulta o entendimento de outras tantas; que curiosamente talvez sequer repercutissem ainda



hoje o tanto quanto repercutem não fosse a controversa publicação dos editores. Tome-se disto que, boa parte das problematizações e teorizações de Saussure, mesmo aquelas que dizem respeito diretamente à linguística geral, não estão no livro *Curso de linguística geral*, bem como, nem tudo deste livro é exatamente de Saussure.

Conforme lê-se no ELG, segundo Saussure, a identidade morfológica, *instantânea*, que é a da perspectiva do *sujeito falante*, é uma decorrência da solidariedade entre forma, sentido, valor e emprego. Aqui, onde há continuidade em Saussure, o estruturalismo cunhou sua dicotomia significante/significado promovendo uma clivagem, que enfatiza a unidade isolada, conferindo uma maior impressão de totalidade ao signo, que de fato em Saussure é bastante e marcadamente dependente de todo o sistema. As formas-significações que *não existem por si mesmas*. Sendo “FORMA [...] a entidade ao mesmo tempo *negativa* e *complexa*: que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da *diferença* com outras formas, COMBINADA à *diferença* de significação de outras formas.” (SAUSSURE, 2004, p. 36, ênfase do autor).

Assim, as *identidades* das formas linguísticas, e isso Saussure insistia bastante, não devem ser tratadas como propriedades intrínsecas, mas como um *valor* sempre relacional que é ser *idêntico* ou não. “Tudo o que é considerado idêntico forma [constitui], por oposição ao que não é idêntico, um *termo finito*.” (SAUSSURE, 2004, p. 34, ênfase do autor). Dessa perspectiva, um signo isolado não quer dizer nada. O sistema não é uma soma de signos. Não há nenhuma correspondência direta entre uma forma e uma significação. Eis a arbitrariedade do signo linguístico. Nenhuma característica é inerente. Isso é, as *identidades* são constituídas por um princípio sistêmico, não havendo, portanto, nenhuma fixidez, nenhuma *cristalização* definitiva. Não há signo, há signos.

No Brasil, Valdir Flores, um caso raro de compromisso crítico com a ciência saussureana, constata que, todavia, em se tratando de Saussure, o comum é que os estudiosos brasileiros, de uma maneira geral, se contentem com a leitura da vulgata. Acrescente-se que, embora muitas discordâncias entre Saussure e o CLG sejam hoje amplamente divulgadas, não há ainda, suficiente engajamento em termos de Brasil aos estudos críticos da teoria saussureana. Há, por outro lado, um grande desejo de superação de Saussure, que todavia muitas vezes se dá sem sequer transcender o nível da leitura



estruturalista do CLG. Ainda que não faltem publicações que questionam a sua redação. O próprio prefácio brasileiro do *Curso* traz questionamentos a aspectos que promoveram a tradicional leitura estruturalista de Saussure, como se verá a seguir.

2. Saussure, ele mesmo e o estruturalismo no Brasil

Em termos de Saussure, em se tratando de Brasil, de um modo geral, vigora atualmente uma leitura quase que exclusivamente estruturalista de sua obra, geralmente restrita ao CLG, embora haja inúmeros focos de questionamento crítico à redação dos editores, os quais, como vimos, publicaram em nome de Saussure, sua versão, deles, das notas de aula redigidas por alunos do *Cours*, as quais tiveram acesso. É notório que a predominância da leitura tradicional por aqui, se dê em grande parte em função da recusa de muitos linguistas e demais estudiosos, de ler Saussure além do CLG. Muito da polêmica combativa a Saussure, de detratores de sua obra, poderia ser evitada, se ao menos se avançasse na leitura de Saussure além do *Curso de linguística geral*, ou mesmo, caso se fizesse uma leitura crítica no próprio CLG.

Já existiam publicações no Brasil que apontavam para as alterações promovidas na teoria saussureana pelo estruturalismo do *Curso de linguística geral* antes mesmo do lançamento da sua tardia versão em português, que se deu no Brasil ao ano de 1970. Exemplo disto está no *Princípios de linguística geral*, livro de Joaquim Mattoso Câmara Jr. de 1941, que após algumas revisões do autor, em nota de rodapé de sua quarta edição, a qual veio a ser a última a receber atualizações de Câmara Jr., ao ano de 1964, já trazia a seguinte observação:

Para as ideias centrais de Saussure é preciso levar em conta que o seu livro clássico (Saussure 1922), é póstumo, (publicado pela primeira vez em 1916), baseado em notas de aula e da responsabilidade direta dos seus discípulos Bally e Sechehaye; há às vezes discordância entre a redação do livro e o pensamento de Saussure (cf. Godel 1957). (CÂMARA JR., 1980, p. 25, ênfase minha)

Portanto, pode-se afirmar que antes mesmo do aporte oficial no Brasil, não de Saussure, o aporte do CLG em 1970, já havia aqui a crítica ao estruturalismo de sua redação, repercutindo o lançamento de Godel em 1957 das *Fontes manuscritas do Curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure*. Havia já aquela observação retomada pelo linguista brasileiro Câmara Jr.



Conforme mencionado anteriormente, no prefácio da versão brasileira do *Curso*, diversos questionamentos relacionados à redação do CLG são apontados pelo professor Isaac Nicolau Salum, entre outras problematizações:

Os editores do *Cours*² – Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger – só tiveram em mãos as anotações de L. Caille, L. Gautier, Paul Regard, Mme. A. Sechehaye, George Dégalier, Francis Joseph, e as notas de A. Riedlinger. E, tal qual ele foi editado, com a sistematização e organização dos três ilustres discípulos de Saussure, apresenta vários problemas críticos.

1º – Saussure não estava contente com o desenvolvimento da matéria. Não só tinha que incluir matéria ligada às línguas indo-europeias por necessidade de obedecer ao programa, mas também ele próprio se sentia limitado pela compreensão dos estudantes e por não sentir como definitivas as suas ideias. Eis o que diz a L. Gautier:

‘Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos.’

2º – Os apontamentos dificilmente correspondiam *ipsis verbis* às palavras do mestre. Como nota R. Godel, ‘são notas de estudantes, e essas notas são apenas um reflexo mais ou menos claro da exposição oral’.

3º – Sobre essas duas deformações do pensamento de Saussure – a que ele fazia para os estudantes e a que eles faziam no anotar aproximadamente – soma-se a da organização da matéria por dois discípulos, ilustres, mas que declararam não terem estado presentes aos cursos. Ajunte-se como traço anedótico, que a frase final do *Cours* tão citada – *a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma* – não é de Saussure, mas dos editores.

Aí está um problema crítico com tríplice complicação. Problema crítico grave como o da exegese platônica ou o problema sinótico dos Evangelhos. Naturalmente, as notas dos discípulos de Saussure foram apanhadas ao vivo na hora, como cada um podia anotar. (SAUSSURE, 2006, pp. XVII-XVIII).

Com relação à interferência dos editores no *pensamento de Saussure*, já sabemos que resultou no *Curso de linguística geral*. Todavia, como apresento a seguir através de autores brasileiros, publicações traduzidas no Brasil, e alguma tradução minha da versão italiana de De Mauro para o *Curso*, há ainda inúmeros aspectos das teorias de Saussure que na sua vulgata (o CLG) não estão contemplados, não são suficientemente abordados, ou mesmo não se mostram em uma leitura desde um ponto de vista estritamente estruturalista, que é o da leitura tradicional.

² Note-se que, diferentemente do emprego de Salum, utilize *Cours* apenas para me referir à série de aulas ministradas por Saussure à Universidade de Genebra.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 228-243, 2022. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde de que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

3. Saussure, semiologia e o materialismo histórico

Logo após a publicação brasileira do CLG em 1970, ao ano de 1973 Carlos Henrique de Escobar lança o seu livro *Proposições para uma semiologia e uma linguística: uma nova leitura de F. de Saussure, como um declarado combate ao estruturalismo*. Escobar queria chamar atenção para o fato de que Saussure em muito ultrapassava aquela técnica metodológica presente no CLG, uma vez que de fato é um *teórico da linguagem*.

Escobar entende que a partir da leitura estruturalista que se fez de Saussure no *Curso* “transformaram sua obra (CLG) num trabalho que espelha mal suas posições e que na base – no seu estatuto epistemológico – foi radicalmente transformada.” (ESCOBAR, 1973, p. 19). Afirma que a leitura estruturalista divulgou uma Linguística que não era nem de perto a totalidade daquilo que Saussure havia produzido intelectualmente à época. E que daquilo que foi aproveitado não se apreendeu o rigor teórico saussureano, logo, aspectos relevantes da linguística estruturalista como “a dicotomização [...] não pertencem a Saussure mas resultam da ‘leitura’ que ele sofreu, na medida do inacabamento eventual e do abandono de que resultou sua obra na tradição e na contemporaneidade linguística” (ESCOBAR, 1973, p. 119, ênfase minha).

No *Proposições* Escobar desempenha duras críticas à redação dos editores, amparadas principalmente no fato de as descrições empregarem exemplos concretos, o que Escobar acusa ser um empirismo de responsabilidade dos editores, estranho à teoria saussureana. Uma interferência estruturalista na verdadeira *opus* saussureana. Saussure de fato lamentava a falta de alternativas à formulação de fatos empíricos, no estudo das línguas: “Infelizmente, a maneira de formular os fatos em cada um desses estados de língua tomados em si mesmos é [...] eminentemente *empírica*, [...] corrompida desde o princípio pela intromissão [...] dos resultados da história em um sistema que funciona, repetimos, totalmente independente da história.” (SAUSSURE, 2004, p. 45, ênfase do autor). Assim, Saussure diferenciava a metodologia da Linguística estática, sincrônica, da metodologia da Linguística histórica, evolutiva. E com isso, podemos distinguir o que compete ao espaço e o que compete ao tempo.



Ou seja, Saussure está diferenciando-os, e concomitantemente, reescrevendo na Linguística, os critérios da metodologia do historicismo comparatista, daqueles critérios relativos à gramática de Port Royal, dentro de uma leitura crítica que teoricamente avança ambas visadas, sem confundir a perspectiva estática com a histórica e vice versa, sem utilizar em uma os recursos da outra. É um princípio basal em Saussure diferenciar um estado de língua – a perspectiva dos falantes – sempre idiossincrônica, das mudanças às quais as línguas estão sujeitas, no tempo, por suas características arbitrárias e imotivadas, apenas apreensível em dois estados de língua ou mais.

Escobar irá tomar para si a tarefa apontada por Saussure de “procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história” (SAUSSURE, 2006, p. 13), contudo, Escobar afirma radicalmente que “podemos, estrategicamente, pensar desde já os *vazios presentes* em Saussure, na medida em que lhe faltou o materialismo histórico” (1973, p. 99, ênfase do autor). E entende que por esta via, do materialismo histórico, completa-se os “termos mais ou menos incompletos da *verdadeira problemática linguística saussuriana*” (1973, p. 114, ênfase minha).

Escobar irá empenhar-se em reescrever a Linguística saussureana, considerando a proposição de Saussure de que a Linguística se insere em uma ciência mais ampla denominada *semiologia*. Disto, o autor apontará os princípios para sua *ciência dos discursos ideológicos* uma semiologia que, respondendo diretamente a uma psicologia social, se insere dentro do continente da História. Escobar entende que se o sistema da língua pode ser independente, os empregos que se faz deste sistema não o são, e que eles também constituem um sistema de valores. Sendo assim, em *Proposições para uma semiologia e uma linguística*, através de uma leitura radicalmente contestadora, destaca-se a elaboração de princípios para uma proposta inicial de sistematização dos discursos, a partir de Saussure, desde a perspectiva do materialismo histórico.

4. Saussure, fenomenologia e dialética

Maria Sílvia Cintra Martins (2014), em *Saussure e o curso de linguística geral*: valores, confrontos desconstrução, nos demonstra ser possível leremos Saussure, no próprio CLG, pelas lentes Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 228-243, 2022. ISSN: 2448-0215.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde de que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

da fenomenologia e não do estruturalismo. *Percebe*, com Merleau-Ponty, quanto à ciência linguística saussureana presente no *Curso*, que, “o que estava no ar era mesmo algo como uma nova Filosofia da História, e não [...] uma forma de abordar a História na linha da sociologia de Durkheim” (MARTINS, 2014, pp. 173-174). A autora, em sua leitura crítica do *Curso* (MARTINS, 2014), reporta-nos Saussure como o teórico do pensamento dialético e não do pensamento dicotômico, do contrário e não do contraditório, Saussure do contínuo, não do discreto. Saussure do sistema, e não da estrutura. Segundo a autora,

a leitura do ‘Curso’ de Ferdinand de Saussure não poderia envolver a tentativa de encontrar uma verdade última, que lhe faltaria atribuir; [...] com nossa intencionalidade, tratava-se de atribuir-lhe um dos sentidos possíveis, porém sempre cientes de que partilhamos de certa visada própria da contemporaneidade, da qual Saussure é um dos fundadores (MARTINS, 2014, p. 13).

Martins demonstra através da leitura de um corte da contemporaneidade saussureana como “diferentes discursos – ou talvez seja melhor dizer *isotopias* – encontravam-se misturadas nas linhas do ‘Curso’”. (MARTINS, 2014, p. 29, ênfase da autora). Aponta as similaridades que se podiam estabelecer entre o CLG e as ciências de sua época, observa que assim como se dava com a linguística através de Saussure, também a mecânica clássica vinha sendo superada a pequenos passos pela física quântica que ao final apresentava uma série de possibilidades mais vantajosas para a compreensão dos fenômenos envolvidos: “A atribuição de energia ao campo foi mais um passo para que o conceito de campo fosse cada vez mais acentuado e, por outro lado, os conceitos de substância (essenciais para o ponto de vista mecânico), cada vez mais suprimidos.” (MARTINS, 2004, p. 51).

Essa aproximação é ainda mais adequada quando não se desconhece o fato trazido por De Mauro de que, embora Saussure não tenha conhecido o avô Nicolas-Théodore, este falecido em 1845 e Saussure nascido à 1857, seu avô era químico, físico e naturalista e lecionava mineralogia e geologia na mesma Universidade de Genebra a qual Ferdinand de Saussure posteriormente veio a lecionar seu *Cours*. E ainda, segundo escreve De Mauro em sua *Introduzione ao Corso*³, que Saussure em 1875, conclui os estudos iniciais e, conformando-se a uma tradição de família, por desejo dos parentes, matricula-se nos cursos daquelas áreas da Universidade de Genebra, contudo, “após haver estudado

³ *Corso di linguistica generale*, CLG em edição italiana, traduzida, introduzida e comentada por Tullio De Mauro, lançado em 1967 por Editori Laterza.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 228-243, 2022. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde de que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

química, física e ciências naturais por dois semestres [...] o jovem Saussure ingressa decididamente nos estudos literários e em particular nos estudos linguísticos” (DE MAURO *In SAUSSURE*, 2005, p. v, tradução minha). Logo pode-se verificar que não faltavam a Saussure conhecimentos nem problematizações relativas a estas áreas.

Destaca Martins que não bastaria, todavia, confirmar uma conexão entre os conceitos da física e os de Saussure por meio de um levantamento vocabular (como *corpo*, *substância* etc.), pois, de fato interessa à autora, com uma série de verificações e exemplos, demonstrar como as novas disciplinas na linguística e na física faziam para negar certa tradição clássica que as antecederam, e como podia-se inclusive observar certa similaridade entre os critérios utilizados por ambas. Através das considerações da autora pode-se efetivamente perceber uma grande compatibilidade formal entre os fazeres científicos de ambas. Mas sobretudo, pode-se ter uma noção de parte daquilo que a leitura tradicional deixou de fora, bem como pode-se apreender formas de diferenciar o que seja saussureano do que seja estruturalismo.

Já em suas conclusões Cintra Martins alerta para as consequências, para os entraves, que a roupagem estruturalista acrescentou à teoria saussureana, na qual:

[...] vislumbramos um universo linguístico vivo, dinâmico, atravessado pelo tempo e pela realidade sócio cultural. Dionísaco.

Sabemos que não é essa a leitura mais comum do ‘Curso’. Em vez desse dinamismo, fala-se da presença de um universo estático, imóvel, atemporal, pairando acima da sociedade e da História. Apolíneo. O dinamismo é substituído pela imobilidade, língua e fala passam a se antagonizar, e a língua passa a existir, abstratamente, separada da fala. Significante e significado permanecem sedimentados de uma vez por todas dentro do signo. O signo seria apenas arbitrário, negligenciando-se o movimento de vaivém entre arbitrário e necessário. Privilegia-se o significado estabilizado em detrimento do valor. O alcance dos eixos paradigmático e sintagmático é reduzido a definições técnicas [...] (MARTINS, 2014, p. 192).

Pela visada estruturalista presente na edição do *Curso*:

[...] deixa-se de vislumbrar a possibilidade de uma nova filosofia da História, filosofia esta que significa, entre outros aspectos, o reconhecimento de um movimento duplo, de conservação e de mudança, de uma tensão, que não conduz, de toda maneira, a nenhuma síntese, a nenhuma etapa superior.

Enquanto Marx reaproveitava a dialética hegeliana, Saussure propunha uma outra dialética [...] (MARTINS, 2014, p. 192).



Em sua leitura crítica, Maria Sílvia Martins considera que Saussure diverge daquilo que pode ser considerado estruturalista em sua obra, e através do próprio CLG comprehende que a dicotomização dos conceitos saussureanos insere diversas ordens de dialogias em um mesmo paradigma dicotômico, cria a ilusão de facilidade e cria dificuldades para a compreensão do contínuo, do gradiente que há entre conceitos que não são de maneira alguma estanques, mas engrenagens de um sistema em constante movimento e transformação:

Defendo, aqui, que uma leitura do ‘Curso’ através da ótica da dialética [e não da ótica dicotônica] vislumbrará um universo linguístico dinâmico e em permanente transformação. Os elementos contrários que encontramos contribuem para essa mobilidade, para esse dinamismo. As oposições língua/fala, arbitrário/necessário, imutabilidade/mutabilidade, diferenças/distinções, significado/valor fazem parte desse universo dinâmico e constituem polos entre os quais se movimenta o imenso mecanismo da língua. Já a dupla sintagma/paradigma não forma exatamente polos, pois não são propriamente elementos contrários, mas são como que peças necessárias para que esse mecanismo entre em funcionamento. São eixos. O mesmo se dá com a dualidade significante/significado, como partes integrantes do signo. Não há um movimento de vaivém entre essas partes constituintes da língua, mas são, de toda maneira, como tudo na língua, elementos dinâmicos, em contínua mobilidade e transformação.

Dentro dessa ótica, sincronia/diacronia, são, conforme apontei, duas abordagens diferentes desse universo em transformação [...], estaremos sempre diante de um universo linguístico dinâmico e em transformação. (MARTINS, 2014, p. 191).

5. Saussure, tradução e uma teoria do sentido

Valdir Nascimento Flores é outro autor que defende uma leitura atenta aos aspectos que ultrapassam a leitura tradicional. Em sua recente obra intitulada *Saussure e a tradução* aponta que “[...] documentos atestam que Saussure era um tradutor e, ainda mais, que essa atividade se coaduna com o seu pensamento acerca da linguagem, da língua e das línguas. (FLORES, 2021, p. 12). Afirma:

Evidentemente, não se ignora os mais de cem anos da presença de Saussure na epistemologia das Ciências Humanas no século XX, mas também não se pode mais, hoje em dia, reduzi-lo ao estruturalismo. Ou seja, é preciso entender que a ideia estruturalista deriva de certa leitura feita de Saussure – em especial do CLG – em um dado contexto epistemológico. E é bom lembrar: a responsabilidade da leitura é dos leitores. (FLORES, 2021, p. 13).

Deste modo, de sua leitura, afirma que:

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 28, n. 02, p. 228-243, 2022. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.252524>



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde de que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

O ponto de vista a partir do qual eu olho a teoria de Saussure e sua consequente implicação no campo da tradução é o do sentido: dessa perspectiva, considero que a teoria linguística – muito especialmente a teoria do valor linguístico – elaborada por Ferdinand de Saussure no início do século XX é uma teoria do sentido.

Esse viés permite sustentar quatro formulações, todas implicadas no campo da tradução:

- a) Saussure, considerado o conjunto de suas reflexões (obra póstuma, manuscritos, cartas etc.), elaborou uma teoria que coloca o sentido no centro do trabalho de análise da organização da língua/linguagem e, por conseguinte, das línguas, logo tem alcance considerável para pensar sobre a tradução;
- b) essa organização – da língua e das línguas – somente tem existência no discurso, o que implica a necessária vinculação do sentido com a forma;
- c) o tradutor, em sua formação, necessita de uma ancoragem teórica tal que o permita refletir acerca da natureza semântica das línguas;
- d) a teoria do valor linguístico elaborada por Saussure é um ponto de vista que facilita ao tradutor ampla visão da organização de sentido das línguas e sua existência no discurso. (FLORES, 2021, p. 36).

Segundo Valdir Flores,

Saussure é um desses autores muito lido por poucos, pouco lido por muitos e, infelizmente, muito mal lembrado por estes. Por isso, em que pese o pouco ou quase nenhum reconhecimento de Saussure no campo da tradução, é época de rever o alcance das proposições do genebrino para além tanto daquilo que é evidente em sua linguística como daquilo que lhe é injustamente atribuído – e a consolidada filologia saussuriana autoriza essa atitude. (FLORES, 2021, p. 40).

Flores apoiando-se em De Mauro, Godel, Gadet, Fehr, irá destacar que Saussure, no terceiro curso, guiou seus alunos numa direção que foi da conscientização da natureza contingencial e historicamente accidental da organização das línguas para a análise de aspectos universais, aspectos comuns a todas as línguas, o que o levou a formular sua noção de língua. No caso, conforme destaca Flores, Saussure vai das línguas à língua e daí para a linguagem:

Há uma inversão importante com relação à tradição cartesiana: não são as línguas que derivam de um princípio único, às vezes chamado de ‘a linguagem’, mas é ‘a língua’ que deriva da pluralidade das línguas. Assim, *Saussure vai da pluralidade à generalidade e não da generalidade à pluralidade*. (FLORES, 2021, p. 104, ênfase minha).

Aspecto esse, negligenciado na redação do CLG. Assim afirma: “É tempo, portanto, de avaliar com cuidado a importância da diversidade das línguas para o construto teórico saussuriano para, em



seguida, retomá-lo à luz da discussão em torno da tradução na teoria [...]” (FLORES, 2021, p. 97). E ainda:

[...] não se pode esquecer que as línguas contêm a linguagem, elas realizam a linguagem: [...] Conclusão: a linguagem apenas pode ser estudada pelas línguas, e as línguas não podem ser abordadas sem consideração à linguagem. [...] Saussure propõe, então, uma verdadeira dialética entre linguagem e línguas. (FLORES, 2021, pp. 98-99)

6. Saussure, literatura e tradução

É preciso destacar o fato, que tanto Martins quanto Flores, para além de renomados autores quando o assunto é Saussure, são, ademais, respeitados estudiosos do linguista, tradutor, poeta e ensaísta francês, Henri Meschonnic, ilustre crítico da leitura tradicional da vulgata. No excerto que se segue, localizo alguns critérios de pesquisa saussureanos – presentes nas notas do mestre classificadas por Robert Godel, através da publicação brasileira dos estudos anagramáticos saussureanos, tema de *As palavras sob as palavras*: os anagramas de Ferdinand de Saussure, livro de Jean Starobinski (1974) –, que demonstram uma enorme compatibilidade entre a Linguística, praticada por Saussure em vida e anos após as propostas de Meschonnic para sua *poética do traduzir*.

Em *As palavras sob as palavras*, Starobinski reproduz e comenta alguns manuscritos de Saussure, nos quais, a partir principalmente da prática da tradução de composições literárias, o mestre buscava formular suas hipóteses teóricas, presentes em notas sobre os seus estudos anagramáticos. Notas descobertas nos anos 1960, e classificadas por Robert Godel, que foram confiadas à BPU (Biblioteca Pública Universitária de Genebra).

Em *As palavras sob as palavras*, a descrição em Saussure não se esgota nos aspectos descontínuos. Ela não é a reprodução acrítica de uma técnica. Conforme nos mostra Starobinski, Ferdinand de Saussure, um período antes e mesmo durante alguns anos que esteve à frente da cátedra do *Cours*, envolveu-se com a pesquisa e dedicara extenso material ao seu estudo dos anagramas. Permito-me crer que haveria aí algo daquilo que Saussure acreditava que nos surpreenderia a todos, e não estou me referindo tão somente aos generosos *produtos* de sua vasta pesquisa linguística, mas



principalmente aos *processos* que ele de fato não levara a termo, no sentido em que não chegara a organizá-los em um livro em vida.

Saussure pratica a tradução de obras literárias para teorizar a Linguística, o *corpus* de análise saussureano de seus estudos anagramáticos presentes em *As palavras sob as palavras* é enormemente composto por literatura. Afirma Starobinski: “Citamos aqui um vaticínio saturnino, duas passagens de Lucrécio, um texto de Sêneca, um poema neolatino de Policiano [...]” (STAROBINSKI, 2004, p. 8). Verifica-se também em *As palavras sob as palavras* que Saussure submetia seu método anagramático a diversas línguas e, portanto, aqui também, em grande medida lançava mão de um processo de tradução para o seu teorizar, conforme atesta Flores (2021), através de Quijano e Montoya (2008). Valdir Flores afirma que: “Saussure teria uma predileção por traduções poéticas, o que permite jogar não apenas com o aspecto semântico das palavras, mas também com o sonoro [...]” (FLORES, 2021, p. 47). Nas traduções, as vastas formalizações que paralelamente se davam a conhecer a Saussure, se destinavam a demonstrar o *fazer* e o *como* dos poemas que *traduzia* e compunham a matéria-prima de suas formulações teóricas relativas à linguagem e à linguística geral.

Vejamos o que dizia o mestre genebrino: “Resumamos as operações que, se os resultados que obtivemos forem verdadeiros, deveria FAZER um versificador em poesia Saturnina para a redação de um *elogium*, de uma inscrição qualquer, funerária ou de outra natureza.” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 2004, p. 19, ênfase do autor). A descrição destes *fazeres*, transcendia o aspecto técnico-metodológico do CLG e colocava-se inteiramente a serviço da formulação teórica. Saussure, contudo, isto é bem verdade, tampouco economizava em descrições. Afinal, eram elas que lhe ditavam o *como*. Disto é possível afirmar que importava ao mestre mais o *processo* que o *produto*. O que permite ainda afirmar que Saussure ia sobretudo em busca de uma teoria da linguagem, ainda que pela compreensão das línguas empíricas.

Destaque-se uma vez mais que Saussure procedia, estivesse correto ou não em suas hipóteses, se empenhando em revelar *como* os textos (ou seriam os *sujeitos falantes*?!) *faziam* seus anagramas, hipogramas (palavras-tema), manequins, assonâncias, paragramas etc. Eram muitas as direções teóricas para as quais o pensamento do mestre se dirigia através de uma metodologia investigativa.



Nesta sua prática anagramática Saussure percebia elementos que alimentavam suas problematizações teóricas.

As questões suscitadas pelo estudo saussureano da literatura produzida acerca das lendas se lançavam decididamente em busca de sua semiologia e sua linguística. Embora, absolutamente não seja a mesma coisa, há um vínculo evidente entre o conceito de *signo* de Saussure (que não a dicotomia do CLG) e o de *símbolo* presente nestes seus estudos anagramáticos. Saussure constata que a *identidade* de um símbolo de que as lendas são compostas “não pode nunca ser fixada desde o momento em que ele é símbolo, isto é, derramado na massa social que lhe fixa a cada instante o valor”. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, p. 13).

Afirma o linguista genebrino que, por acaso, foi surpreendido “pelo fato de que as *cartas e trechos em prosa* que figuram entre as obras de Ausônio apresentassem os mesmos caracteres anagramáticos que seus *poemas [...]*” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, p. 78, ênfase minha), e conclui “que provavelmente Cícero – assim como todos os seus contemporâneos – conheciam apenas essa maneira de escrever” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, p. 78).

7. Considerações finais

A afirmação por vezes peremptória de Saussure de que é o ponto de vista que cria o objeto – embora ele tenha afirmado inclusive que existem vários pontos de vista igualmente legítimos em linguística, dentro obviamente de um gradiente limitado de possibilidades, cuja validade ou não se vincula ao modo de formulação dos fenômenos da linguagem por parte do analista – definitivamente não autoriza qualquer teoria em nome de Saussure. Porém, é necessário criarmos maneiras alternativas de pensar Saussure, pois, quase de uma maneira geral, as interpretações de Saussure no Brasil estão vinculadas à perspectiva da hegemonia estruturalista ortodoxa, mesmo que não estejam necessariamente restritas à vulgata. Por outro lado, há cada vez mais estudiosos dedicados a uma leitura crítica dirigida à obra saussureana em seu conjunto, na esperança de contribuir para aumentar o alcance do que se entende por saussureano. E isso tende a crescer. Esse foi o principal objetivo destas linhas.



REFERÊNCIAS

CÂMARA JR. J. M. *Princípios de linguística geral*: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1980, 333p.

DE MAURO, T. Introduzione, In SAUSSURE, *Corso di linguistica generale*. Bari, Itália: Editori Laterza, 2005, pp. V-XXIII.

ESCOBAR, C. H. *Proposições para uma semiologia e uma linguística*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1973, 246p.

FLORES, V. N. Saussure e a tradução [online]. Brasília: Editora UnB, 2021. ISBN: 978-65-5846-055-8. <https://doi.org/10.7476/9786558460558>.

MARTINS M. S. C. *Saussure e o Curso de linguística geral*: valores, confrontos, desconstrução, Campinas, SP: Mercado das letras, 2014, 199p.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. Simon Bouquet e Rudolf Engler (orgs.), Carlos Augusto Salum e Ana Lúcia Franco (trad.) São Paulo: Cultrix, 2004, 275p.

_____. *Curso de linguística geral*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), Antonio Chelini et al. (trad.), 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, 279p.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Carlos Vogt (trad.), São Paulo: Perspectiva, 1974, 117p.

**Recebido em novembro 2021.
Aprovado em setembro 2022.**

